

# A MORAL SOCIAL E A EVOLUÇÃO DE SUA DISCUSSÃO ACADÊMICA

## FRANCISCO JOEL MAGALHÃES DA COSTA

Mestrando em Educação. Especialista (2014) em Gestão Escolar. Graduado (2001) em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua como gestor na Secretaria da Escola de Gestores/da UFC Virtual.

E-mail: <joelmagalhaes1@gmail.com>.

## KARINA MARTINS MARQUES

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pedagoga pela UFC. Participa do Grupo de Pesquisa em Espaços, Cultura e Educação (CNPq/UECE). Participa do Grupo de Pesquisa em História e Memória da Educação (NHIME/UFC).

E-mail: <karinam.marques@hotmail.com>.

## RAIMUNDO ELMO DE PAULA VASCONCELOS JÚNIOR

Pós-Doutor (2012) em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor (2006) em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre (1999) em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-Graduado em Geografia pela UECE. Graduado (1992) em Licenciatura Plena em Geografia pela UECE. Professor associado da UECE. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC. É líder do Grupo de Pesquisa em Espaço, Cultura e Educação (GPECED/UECE) e vice-líder do Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME/UFC).

E-mail: <elmovasco@gmail.com>.

## Introdução

Na impossibilidade de convivência pacífica, no estado natural, mediante a desconfiança, a insegurança e o medo entre os homens, Hobbes e Rousseau conjecturaram sobre a necessidade de um contrato social, cujas normas estabeleceriam uma ordem para que os indivíduos tivessem um melhor convívio e segurança em sociedade.

Outro ponto dizia respeito à questão da flexibilidade do ser humano, que, dependendo das circunstâncias, “é bom ou mau”, e de como este ser humano reagiria diante das consequências de seus atos. Nesse caso, na visão de Nietzsche, “se ele era capaz de enfrentar ou se omitir”.

E, por último, na visão de Foucault, “a disciplina posta aos homens para que estes se tornassem dóceis, obedientes e produtivos, caso contrário, passíveis de punição”.

## O homem bom em Rousseau

Segundo Rousseau<sup>1</sup>, o homem nasce bom e a sociedade o corrompe. Para ele, a verdadeira educação é aquela ligada à natureza. A educação na sociedade corrompe e subtrai a liberdade, reflexo e resultado da natureza do homem.

Nesse sentido, Rousseau (1995, p. 13) argumentava:

O homem natural é tudo para ele; é a unidade numérica, é o absoluto total, que não tem relação senão con-

---

<sup>1</sup> Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo, teórico político, escritor e compositor suíço.

sigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil não passa de uma unidade fracionária presa ao denominador e cujo valor está em relação com o todo que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que mais bem sabem desnaturar o homem, tirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe outra relativa e colocar o eu na unidade comum, de modo que cada particular não se acredite mais ser um, que se sinta uma parte da unidade, e não seja mais sensível senão no todo.

Para o autor supracitado, a educação em sociedade corrompe e priva o homem de sua liberdade e de sua vontade individual por uma vontade geral. Segundo Rousseau, as instituições sociais levam os homens a adquirir duas caras, sujeitando tudo aos outros e não submetendo nada senão a si mesmos. Essas transformações subjetivas, dualidade fisionômica, vontade geral e o todo remetem-nos a um espetáculo social que nos faz lembrar Guy Debord<sup>2</sup>, quando argumenta sobre a sociedade contemporânea.

O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada. (DEBORD, 2003, p. 9).

Nessa perspectiva alienante, o “homem iludido” se sente reconhecido e útil dentro de um todo, propiciado por uma “falsa consciência” em que todos seriam livres e iguais, unidos por um “discurso oficial”.

<sup>2</sup> Guy Debord (1931-1994) foi um escritor francês cujas teorias, em *A sociedade do espetáculo*, vinculam a debilidade espiritual, tanto da esfera pública quanto da privada, a forças econômicas que dominaram a Europa após a modernização decorrente do final da Segunda Grande Mundial.

## O homem lupino em Hobbes

Para Hobbes, no estado natural, o homem é perfeito e vive em igualdade com todos os outros. Mas o seu desejo é o mesmo do outro, a sua necessidade é a mesma do outro, e o seu instinto de preservação é o mesmo do outro; no mundo, onde as coisas são escassas, a obtenção dessas “condições” seria realizada pela força, seria o domínio do mais forte sobre o mais fraco. Nesse sentido, Hobbes (1979, p. 83) expressa que:

O direito de natureza, a que os autores geralmente chamam *jus naturale*, é a liberdade que cada homem possui de usar seu próprio poder, da maneira que quiser, para a preservação de sua própria natureza, ou seja, de sua vida; e conseqüentemente de fazer tudo aquilo que seu próprio julgamento e razão lhe indiquem como meios adequados a esse fim.

Por isso, para Hobbes, o “homem é o lobo do homem”, para ele, no estado natural, cada um se sente no direito a tudo, de fazer o que quiser, sem a preocupação de como irá conseguir o seu intento. Assim, o que menos importaria seriam os meios, os mecanismos, os métodos para alcançar, mas o “fim em si”.

Nesse contexto em que tudo é possível, pela ausência de normas, o antagonismo e a hostilidade imperam, crescendo, cada vez mais, a propensão para a violência e agressão entre os indivíduos. Os mais fortes e mais inteligentes se sobrepõem aos mais fracos e menos dotados de inteligência, mas, independente de uns serem fortes e outros fracos, a desconfiança é um sentimento perene, todos vivem em constante vigilância entre si para impedir que os outros lhes façam mal. Tudo isso suscita o embate de todos contra todos, ocasionando conflitos e guerras constantes entre os homens.

## O homem bom e mau em Nietzsche

Para Nietzsche, não existe a questão de o homem ser só bom ou só mau, tampouco haveria garantias de que o bom só faça coisas boas ou que tenha valores mais elevados que o mau. Quanto a esses valores, Nietzsche (1998, p. 12) considera:

[...] o valor desses ‘valores’ como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao ‘bom’ valor mais elevado que ao ‘mau’, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o homem (não esquecendo o futuro do homem). E se o contrário fosse a verdade? E se no ‘bom’ houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que às expensas do futuro?

Não existe a essência; para ele, o homem experimenta os dois valores, isto é, o considerado bom pode fazer coisas abomináveis e o considerado mau pode fazer coisas exemplares e admiráveis, porque, na condição humana, a tensão e a alternância do bem e do mal estão presentes o tempo todo. Haveria no ser humano uma ação de controle racional, mas também uma ação, reflexo da passionalidade. Dessa forma, a paixão cega e desorganiza, levando o ser humano, no primeiro momento, a viver serenamente e, no segundo momento, a viver dominado pela fúria. Para Nietzsche (2005, p. 251), este seria o “divisor de águas”:

*Punctum saliens* [ponto saliente] da paixão. – Quem está na iminência de sucumbir à raiva ou a um violento amor atinge um ponto em que a alma está cheia como um vaso: mas é preciso ainda que se lhe acrescente uma gota d’água, a boa vontade para a paixão (que geralmente chamamos de má). Basta apenas esse pequenino ponto, e o vaso transborda.

Isso é ser humano, viver entre a razão e a desrazão. A razão tem sua importância, mas a passionalidade humana não pode ser descartada. Nessa lógica, Nietzsche discorre sobre as necessidades de ser ilógico e de ser injusto, acreditando que só os homens ingênuos creem que a natureza humana pode ser transformada numa natureza puramente lógica e que o mais racional dos homens precisa, de tempo em tempo, da natureza, ou seja, de sua ilógica relação fundamental com todas as coisas. O autor acrescenta ainda:

Todos os juízos sobre o valor da vida se desenvolveram illogicamente, e portanto são injustos. A inexatidão do juízo está primeiramente no modo como se apresenta o material, isto é, muito incompleto, em segundo lugar no modo como se chega à soma a partir dele, e em terceiro lugar no fato de que cada pedaço do material também resulta de um conhecimento inexato, e isto com absoluta necessidade. (NIETZSCHE, 2005, p. 37-38).

Vejamos então dois exemplos clássicos desse multifacetado comportamento do homem bom e lupino, ao mesmo tempo. O primeiro exemplo está plasmado no livro *Crime e castigo*, de Dostoiévski<sup>3</sup>, cujo personagem, um estudante apartado, paupérrimo e atormentado, sem trabalho e quase nenhum dinheiro, chamado Raskólnikov, o qual, num primeiro momento, procura ajudar uma mocinha de uns dezesseis anos ou menos, totalmente embriagada, aos tombos e assediada pela avenida. O jovem estudante, em trajes andrajosos, num ato de bondade, oferece o pouco de dinheiro que tem ao policial para que este alugue uma carruagem que leve a jovem para casa. Num segundo mo-

<sup>3</sup> Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881) foi um escritor russo, considerado um dos maiores romancistas da literatura russa. Autor de *Crime e castigo*, *Recordações da casa dos mortos*, *Os irmãos Karamazov*, entre outros.

mento, o mencionado protagonista, por dinheiro, é capaz de matar cruelmente a velha dos penhores, Aliena Ivánovna, e sua irmã, Lisavieta Ivánovna, a machadadas, e, noutro momento, diante de um corpo ensanguentado e inerte que acabara de ser atropelado, oferecer dinheiro para que o levassem ao hospital.

O segundo exemplo descreve a condição de homem e lobo de Harry, o personagem de Hermann Hesse<sup>4</sup> em *O lobo da estepe*, que, em sua consciência, vivia ora o lobo, ora o homem. Como lobo, odiava a todos os seres humanos, e o homem nele interferia e condenava. Quando homem, o lobo nele ironizava e ridicularizava suas boas ações.

Esses casos mostram o que o homem é capaz de fazer em certas circunstâncias, mas o mais importante é o que ele fará depois. Se vai viver em meio a remorso e culpa, buscando a punição de suas ações, como no caso de Raskólnikov, ou vai viver no ostracismo, como animal extraviado, num mundo no qual se sente estranho e incompreensível, como no caso de Harry. Nesse sentido, o indivíduo é livre para fazer escolhas, mas é prisioneiro das consequências.

Para Nietzsche, o homem deve assumir suas ações, os seus acertos e erros, e não ficar pelos cantos feito um coitadinho, choramingando e resmungando: “Eu sou fraco”; “Eu não consigo”; “Eu não sei o que fazer”, o que Nietzsche chama de moral do ressentimento. Segundo o filósofo alemão, o esquecimento é a grande arma contra a dor, porque o que se fixa na memória é a dor, a tendência é lembrar-se da dor. Nessa lógica, é possível ao homem viver quase sem memória, mas é impossível viver sem esquecimento – a lembrança e o esquecimento “seriam gavetas do

<sup>4</sup> Hermann Karl Hesse (1877-1962) foi um escritor alemão, autor de *Sidarta* (1922), *O lobo da estepe* (1927), *O jogo das contas de vidro* (1943), dentre outros.

mesmo armário”, “tudo aquilo que conseguisse passar pela peneira do esquecimento seria lembrança”.

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar ‘assimilação psíquica’), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou ‘assimilação física’. (NIETZSCHE, 1998, p. 47).

Quando não esquecemos e passamos a conviver com as dores e mazelas, desembocamos na moral do ressentimento. Assim, a incapacidade de esquecer alimentaria a moral do ressentimento e, por consequência, a moral do escravo: o aquecimento, a autossabotagem.

Quanto ao desânimo, que leva ao fracasso e à não reação, Stamateas (2009, p. 102) comenta que este traz:

[...] pensamentos, armadilhas mentais e atitudes de autoprivação, de ter e não usar, de acumular e não usufruir, de semear e deixar a colheita passar. A autoprivação é pensar que você não está qualificado para ganhar e não tem direito nem permissão para ser feliz, e acaba se sabotando.

Nessa lógica, a autoprivação é também um meio de autossabotagem e de assunção da culpa. Consoante Nietzsche, é inadmissível a aceitação da culpa, a convivência com a culpa, o viver lado a lado com o ressentimento, porque tudo isso vai de encontro ao conceito de vontade de potência. Haveria, para Nietzsche (1998, p. 81), nessa situação: “[...] uma espécie de loucura da vontade, nessa crueldade psíquica, que é simplesmente sem igual: a vontade do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível

a expiação”. Dessa forma, ele propõe que o ser humano seja forte, ato incompatível com as normas de qualquer ordem religiosa e outras formas de dominação.

Nessa ordem, o ser humano não deveria aceitar os variados tipos de submissão, tampouco se deixar ser conduzido, nem mesmo pela filosofia, nem mesmo pela ciência, nem mesmo pela cultura, se utilizadas para o domínio ou submissão do ser humano. O ser humano deveria ser livre em qualquer circunstância e em todos os aspectos. Nesse sentido, para Nietzsche (1998, p. 33): “O sentido de toda cultura é amestrar o animal de rapina ‘homem’, reduzi-lo a um animal manso e civilizado, doméstico”.

No entanto, para Rousseau, a espécie humana estaria dividida em rebanhos de gado, guardados cada um com um chefe distinto que teria o intuito de os devorar. Ou seja, o indivíduo fica à mercê de seu senhor, ou chefe, ou patrão, tolhido de sua liberdade. Portanto, “[...] renunciar à própria liberdade é o mesmo que renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres” (ROUSSEAU, 1987, p. 27).

Esse indivíduo, no qual está entranhado em sua mente o espírito de rebanho, cujo comportamento não tem um padrão próprio e não pensa por si mesmo, tenderia a valorizar a opinião alheia, assim como buscaria uma referência nos outros componentes de seu grupo.

Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um modo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1998, p. 29).

O sujeito com o espírito de rebanho carregaria consigo a herança da moral do escravo, cujo referencial seria

a palavra do seu senhor. Em colaboração ao contexto aqui apresentado, Aristóteles argumenta que alguns homens nascem para dominar e outros para escravos. O escravo é constituído pela força e perpetuado pela covardia. No contraponto do contraditório, Rousseau (1995, p. 13) postula que, “Para ser alguma coisa, para ser si mesmo e sempre um, é preciso agir como se fala; é preciso estar sempre decidido acerca do partido a tomar, tomá-lo com altivez e segui-lo”.

Nietzsche expressava que “Somente os dias vindouros me pertencem”. Nessa direção, o que importa é seguir e pensar no porvir, pensar no que vem e esquecer o passado; nada de olhar para trás, o que interessa é o amanhã e o depois de amanhã, estes, sim, são momentos que nos pertencem e que nos levam para frente, caracterizando a vontade de potência. “O ser vivo necessita e deseja, antes de mais nada e acima de todas as coisas, dar liberdade de ação à sua força, ao seu potencial. A própria vida é vontade de potência” (NIETZSCHE, 2001, p. 23).

São as nossas escolhas que nos movem e nos fazem avançar. Nada de estagnar ou de ficar esperando o pior, mesmo que estejamos em fase crítica, temos que olhar para o adiante. Mesmo que as barreiras sociais interfiram nas condições do ser humano, este pode, através de suas escolhas, ser o que quiser ser.

A incapacidade do ser humano de não brigar e enfrentar o que for preciso é o que imobiliza e amarga o homem, além de lhe proporcionar dor, mas, para Nietzsche, a dor também faz parte da vida, “o que não faz parte é a submissão à dor, o se entregar, o não lutar”. Não há conceito absoluto contrário à análise de Rousseau, de que “o homem nasce bom”, e à argumentação de Hobbes, de que “o homem é mau por natureza”.

## O homem disciplinado em Foucault

Em Foucault, a disciplina é tida como um instrumento importante para a dominação. Ela conduz os indivíduos à submissão às leis, aos superiores, aos mestres e às autoridades, produzindo uma escala de poder hierárquica, além de estabelecer a ordem na sociedade e nas instituições, tanto públicas quanto privadas.

A disciplina faz-se necessária no adestramento e amansamento dos sujeitos. Este é o papel da disciplina dentro do contexto de dominação, tornar o indivíduo manso, dócil e produtivo dentro de uma sociedade, de forma contínua e permanente. Ela está presente o tempo todo, no tempo e nos espaços dos sujeitos, por onde estes transitam, estudam e trabalham. Ela está em todos os lugares: na rua, na escola, no quartel, no hospital, enfim, em todas as instâncias sociais.

Foucault (1987, p. 118) diz que esses lugares precisam de corpos úteis e inteligíveis, mas, para isso, é necessário destinar total atenção e dedicação ao corpo manipulável, modelável, treinável e obediente, e que este seja responsivo, sendo necessário ainda “[...] um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo”.

O corpo, uma vez docilizado, permite o recrudescimento de sua submissão, que, por sua vez, aumenta a permissão de sua utilização, transformação e aperfeiçoamento, levando-o a uma maior obediência e produção. Nessa óptica, Foucault (1987, p. 119) argumentava que: “[...] a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada”.

No excerto, ficam claras a eficiência e a eficácia dos equipamentos disciplinares utilizados para o adestramento,

transformação e dominação do sujeito, tornando-o obediente e produtivo, caso contrário ele estará passível de punição.

### Considerações finais

O indivíduo é um ser que vive em sociedade e em constante contato com outros indivíduos, os quais são interdependentes, influentes e influenciáveis. Nesse mundo subjetivo, permeado de múltiplos sentimentos, pensar historicamente a moral faz-se necessário e, na complexidade da ação humana, o pensar se faz preciso. Nesse contexto, para viver em sociedade, cada vez mais complexa, o homem teve que substituir seu comportamento instintivo por um comportamento resultante do acatamento a normas de controle social, também cada vez mais complexas.

Nessa evolução histórico-social, o comportamento do indivíduo é monitorado segundo normas que permanentemente são aperfeiçoadas. A cada movimento individual ou coletivo de mudança de uma realidade posta e já conhecida, advém da dinâmica uma nova norma, que irá submeter ou pretenderá submeter a todos, num jogo contraditório e dialético.

### Referências

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Brasil: Libris, 2003.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HESSE, Hermann. *O lobo da estepe*. Rio de Janeiro: Record, 1955.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: Hemus, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou da educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

STAMATEAS, Bernardo. *Autossabotagem*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2009.